

24 FEV 1987

"A coragem da ignorância" Henrique, Luiz

Falando como líder do PMDB, o deputado Luiz Henrique (SC) estreou na tribuna da Câmara com um discurso que faz lembrar episódio ocorrido com Bernard Shaw. Ele recebeu de um jovem autor sua primeira peça de teatro. Leu-a e, ao devolvê-la, juntou cartão pessoal em que escreveu apenas: "Meu caro senhor. Li sua peça. Oh!, meu caro senhor". Tudo o que se deveria dizer ao parlamentar catarinense é isto: oh!, deputado! Porque o discurso é um amontoado de sandices que não mereceria comentário, se não o tivesse pronunciado alguém que acaba de ver-se guindado à liderança do maior partido do Ocidente, o substituto da Arena, o ex-celso PMDB. "Bastou que o Plano Cruzado I tivesse respaldo popular prudentemente, o sr. Henrique não menciona o Cruzado II...) para que pressões de todo tipo se identificassem, promovendo fuga de capitais, a retenção dos estoques, a criação e generalização do ágio e a especulação financeira", trovejou o líder peemedebista.

Indo mais longe, o bravo deputado fez saber: "O governo foi atacado com todo o arsenal acumulado ao longo dos anos por grupos que enriqueceram apostando nas estruturas

arcalças, na estagnação, na manutenção de pessoas em condições subumanas". Faltou dizer que grupos são esses, porque é muito fácil generalizar e atirar longe bumerangues, mas a inexperiência nesse mister pode fazer com que o sr. Henrique viva o drama do nativo australiano, que desde que ganhou bumerangue novo tenta inutilmente livrar-se do velho. E, na volta, pode ser até que o bumerangue sacudido à distância, com força, o atinja em cheio... Vê o árdego parlamentar o Banco do Brasil na iminência de sofrer "esmagamento". Vê mais, que o combate à inflação só será eficaz com "investimentos do Estado (...), além da redução considerável da ganância de que estão possuídos os que não têm qualquer espécie de compromisso com uma política de desenvolvimento voltada para a formação dos valores humanos". Em primeiro lugar, o líder ainda não sabe (não há quem possa esclarecê-lo a respeito?) que o pai da inflação neste país de fábula é o Estado, que gasta mais do que pode e emite papéis diversos, até papel-moeda, para tapar o buraco que abriu na própria caixa. Ora, a emissão, desenfreada, não acompanhada — porque seria impossível — do aumento correspon-

dente da produção, faz subir os preços. Só não contaram isso para o deputado Luiz Henrique, expondo-o à posição vulnerável em que se colocou, ao revelar aquilo que Oscar Wilde denominava a "coragem da ignorância".

A velha tática de procurar, lá fora, bodes expiatórios para explicar as carências nacionais só surte efeito junto a segmentos sociais que se deixaram vencer pela neurose da xenofobia ou tem o vizo do fetichismo, atraídos pelo que *acham que deve ser* e sempre dispostos a desprezar o que é. Não. Os males do Brasil lançam raízes aqui mesmo e são fruto de desgoverno, de má administração dos negócios públicos, do funcionamento precário de um aparelho burocrático caríssimo, infestado de parasitas e sibaritas que recebem para nada fazer. São o resultado de bloqueios sociais entre os quais avultam o analfabetismo que se abate sobre 30 milhões, numa população de 138 milhões, a carência de alimentação, a explosão demográfica contra a qual não há governo que tenha coragem de agir, a falta de um sistema adequado de saúde pública e o preconceito de cor. Somem-se esses fa-

tores e não fica fácil explicar como, apesar deles, o País registra hoje o oitavo PIB do mundo livre.

Pois saiba o sr. Luiz Henrique que o progresso, aqui, apesar de tantas amarras que o entravam, se deve à atuação da empresa privada, que aciona a mola do desenvolvimento, expande o mercado de trabalho, converte recursos naturais em riqueza e, embora perseguida pelo Fisco, que parece empenhado em exterminá-la, ainda abastece de recursos o Erário, a fim de que o poder público gaste mal o muito que arrecada e, insaciável, invente empréstimos compulsórios e quejandos para continuar a gastar com suas diletas sociedades de economia mista, algoz do Brasil — contra as quais não se ouviu o que quer que fosse, no discurso malsinado, que enseja este comentário. E como se poderia ouvir, se a maioria peemedebista que sufragou o nome do deputado Luiz Henrique para liderá-la reza pela cartilha dele e adota as supostas soluções estatizantes, fora da realidade, para os problemas nacionais?

O PMDB tem o líder que merece. O sr. Henrique fala pela bancada que a ele se rendeu, enamorada de seus argumentos. Pobre País!